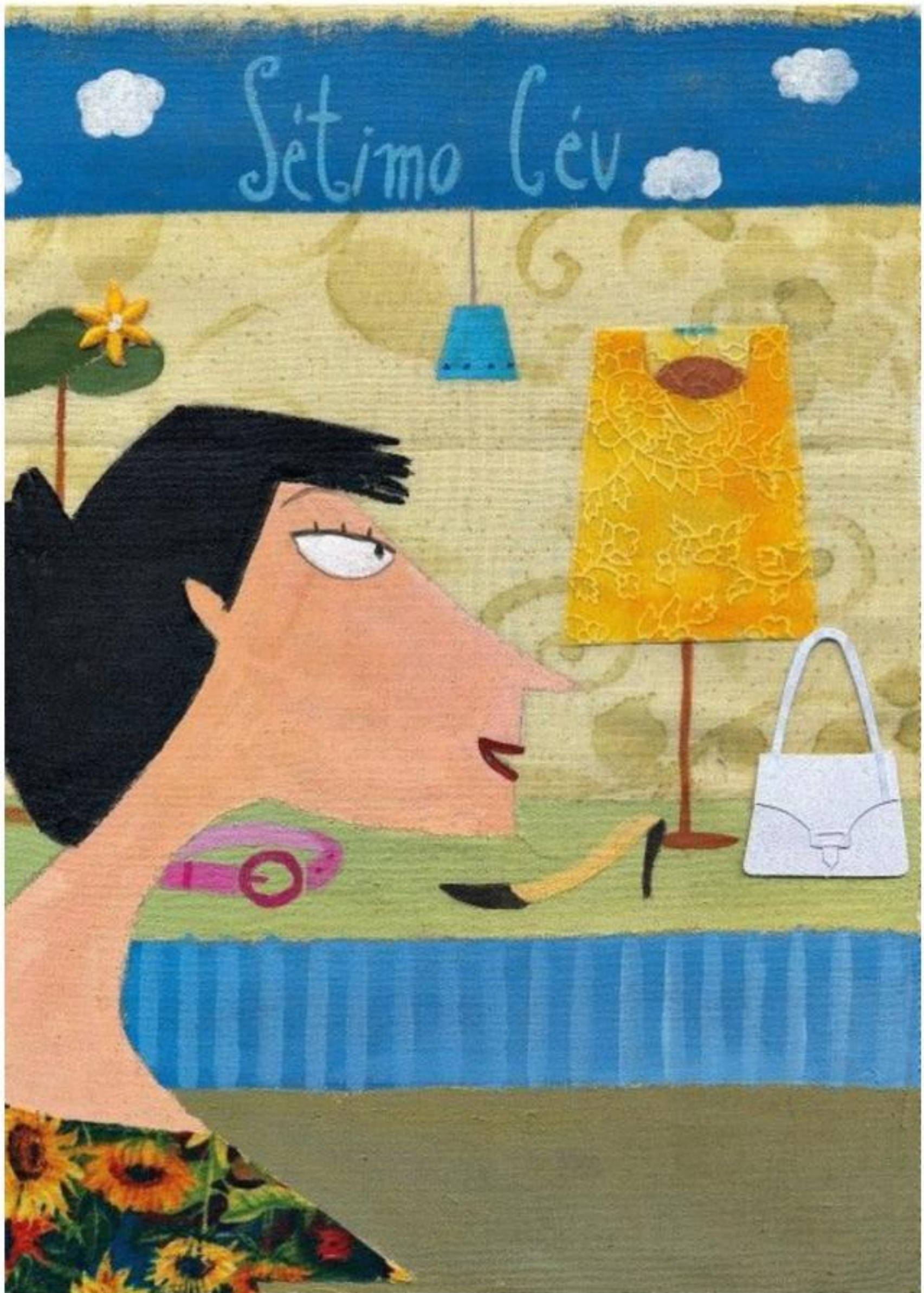


11. 16
12. 17
13. 18
14. 19
15. 20
16. 21
17. 22
18. 23
19. 24
20. 25
21. 26
22. 27
23. 28
24. 29
25. 30
26. 31
27. 32
28. 33
29. 34
30. 35
31. 36
32. 37
33. 38
34. 39
35. 40

36.	41
37.	42
38.	43
39.	44
40.	45
41.	46
42.	47
43.	48
44.	49
45.	50
46.	51
47.	52
48.	53
49.	54
50.	55
51.	56
52.	57
53.	58
54.	59
55.	60
56.	61
57.	62



1

A loja de Pierre la Fonfon

DONA ANTÔNIA tira a caminhonete da garagem estreita e vai ao supermercado. Enche o carrinho com produtos essenciais, supérfluos e guloseimas, e paga no caixa. Ajeita cuidadosamente as sacolas na carroceria e toma o rumo de casa. Gostar mesmo de ir ao supermercado dona Antônia não gosta; mas, em compensação, a volta é um regalo, um verdadeiro prazer, a ponto de dona Antônia reduzir a velocidade da caminhonete só para a volta ficar mais demorada. Tudo isso porque no caminho ela passa em frente à loja de roupas mais fina da cidade. A sua sorte é que o farol sempre fecha e ela pode ficar um tempão namorando as roupas na vitrina. Mesmo assim não se contenta, faz questão de dar outra volta no quarteirão e ficar um tempo ainda maior paquerando as roupas.

Claro que dona Antônia sonha em vestir tudo aquilo. Mas cadê a coragem para entrar na loja Sétimo Céu – Roupas Finas e Acessórios? Ah, quantas e quantas vezes o farol abriu e ela continuou olhando, só acordando com as buzinas dos

carros. Se ao menos a loja não tivesse um nome tão majestoso e se chamasse Segundo Céu ou quem sabe Terceiro Céu! Mas entrar numa loja de nome Sétimo Céu logo de cara, sem passar pelo primeiro, pelo segundo, já é demais. Com um nome assim, eles podem enfiar a faca que qualquer madame pagará de bom grado, sem chiar. Sem dúvida, um ambiente para ser frequentado somente por mulheres da mais altíssima sociedade.

Essas suas cismas só duram até o dia em que, voltando do supermercado, ela vê o manequim do canto esquerdo vestindo uma blusa amarela de renda. Uma blusa sem mangas com um decote parecendo taça de vinho. Uma blusa deslumbrante, como nunca viu em todas as páginas de revistas de moda que folheou. Antônia fica hipnotizada, esquecida de tudo e mergulhada no incontável desejo de ter aquela blusa amarela de renda. Desta vez, os carros buzina, cansam de buzinar, e ela não acorda. Nem se importa com a fúria dos motoristas que colocam suas cabeças para fora dos carros e xingam. Nada a incomoda. Está banhada de prazer, de luz, pelo desejo de comprar aquela blusa amarela de renda. Estaciona em cima da calçada, sai toda esbaforida da caminhonete e entra na loja, deixando para trás as buzinas e os motoristas enfezados.

Dona Antônia não acredita quando as suas mãos empurram a porta e ela ouve um sininho badalando. E não acredita também quando seus pés pisam o tapete vermelho da Sétimo Céu. No mesmo instante aparece um homem magro, alto, com um fino bigode virado para cima, fazendo duas argolinhas para dentro e usando uma boina vermelha meio de lado e um lenço azul-marinho no pescoço.

— Bom dia, senhora, meu nome é Pierre la Fonfon. Se preferir pode me chamar de Fonfon ou Fon. Só Fon. Bem... não foi para isso que a senhora veio aqui, não é mesmo? Rá-rá-rá-rá-rá... Fique à vontade e não faça cerimônia. A loja é toda sua. Bem, senhora, quer dizer, querida, agora que somos amigos, em que posso ajudá-la? Aliás, qual a sua graça?

— Muito prazer, me chamo Antônia. Se quiser, pode me chamar de Tonica ou Nica. Só Nica. Ru-ru-ru-ru-ru... Seu Fonfon, por gentileza, eu quero saber o preço daquela blusa amarela de renda, a do manequim do canto...

— Ora, Nica, não me chame de “seu”. Por acaso eu sou seu? Rá-rá-rá-ru-ru-ru... Me chame só de Fonfon. Prefiro, fica mais simples, mais direto, mais...

Do instante em que dona Antônia entrou na loja até aquele minuto, não havia tirado a mão do queixo de tão impressionada com a beleza de tudo. Daí, mais descontraída, vai relaxando o corpo, soltando-se, deixando a mão escorrer para a cintura e Pierre la Fonfon vai vendo um broche com uma medalhinha de uma mulher de lado, colada por cima de uma pedra rosada. Um broche preso bem no meio do decote da blusa de dona Antônia. Sem dúvida, é um camafeu, um lindo camafeu.

— Nossa, Tonica, onde você conseguiu um desses?

— Ah!! O camafeu?!?

— Sim.

— Como eu e meu marido temos um antiquário, foi fácil consegui-lo. E depois já faz um tempinho que...

— Você gostou mesmo da blusa amarela?

*image
not
available*



*image
not
available*

Brunela Alvarenga. A partir de hoje, blusa amarela de renda, você atenderá somente pelo nome Brunela Alvarenga.

Os calçados aplaudem, assobiam, e as roupas, mais sensíveis, até choram.

— Obrigada, Douglas. Adorei o nome.

— Seja bem-vinda entre nós, Brunela.

Daquele dia em diante, Brunela passa a ter o maior respeito pelo Douglas. Aliás, todos os que moram dentro dele sentem um respeito imenso pelo sábio guarda-roupa.

Afinal de contas, Douglas não é um armário qualquer. É uma peça única, entalhada à mão, com mais de oitenta anos de idade, feito com o tronco de um velho ipê-amarelo e com quatro elegantes pés também entalhados à mão e chamados de patas de leão. Um charme de guarda-roupa, o Douglas. Um presente de casamento que a avó do seu Eduardo ganhou de um padrinho marceneiro. O pai do Eduardo vivia dizendo:

— Toda casa deve conter objetos e mobiliário que pertenceram aos antepassados. Desse modo, conservamos as raízes e a história dos nossos familiares, guardando seus documentos, caligrafia, alguns objetos, além de colocá-los em porta-retratos ou de guardá-los em grossos álbuns de família.

Tanto é assim que, quando o Eduardo Neto casou, seu pai, o Eduardo Filho, chegou para ele e disse:

— Filho, agora que você vai se casar e morar em sua própria casa, tem que escolher um móvel antigo de nossa casa para levar com você, porque uma casa sem memória é como uma casa sem janelas, sem livros, vazia, erguida do nada, sem um passado.

*image
not
available*

Já faz quase cinco anos que a Peixinha trabalha para dona Antônia. No começo, ela caprichava, dava um duro lascado. Hoje em dia, ela só dá um tapa na casa. E, depois de lavar a louça do almoço, descansa as pernas no sofá da sala até a hora das novelas. Quando o negócio é passar roupa, Nossa Senhora! Ela passa um cesto cheio em menos de meia hora. Passa que nem o nariz. Só para sobrar mais tempo sem ter o que fazer. Mas como a Peixinha é gente boa e de confiança, ela garante o emprego, empurrando o serviço da casa com a barriga.

A vidinha da Lu segue bem pacata até o dia em que a correia da máquina de lavar arrebenta. Como a máquina é nova e está dentro da garantia, dona Antônia liga para a assistência técnica. E naquela mesma tarde mandam um técnico verificar o tamanho do estrago.

— Entre, por favor. Aceita um copo-d'água? Está tão quente que não sei como vocês conseguem trabalhar nas ruas o dia todo. Qual o seu nome mesmo?

— Arthur, o bom dos bons, o bombom.

— Quê?!?

— Nada não, senhora. Onde fica mesmo a máquina de lavar?

— Por aqui... cuidado com o degrau... Olhe, é esse trambolho aí. Fique à vontade. Eu tenho de resolver uns pepinos, mas vou chamar a Peixinha para ficar com o senhor.

— Pode confiar, dona Ambrósia.

— ANTÔNIA!!

— Ah, sim, dona Antônia. Onde estou com a cabeça?

— MINHA EMPADINHA RECHEADA DE PALMITO E CAMARÃO...

Dona Antônia fica indignada. Quer dizer que estava sendo tapeada o tempo todo? Mas quando ela vai interromper a conversa, partir pra ignorância e botar os dois pra correr, a campainha toca. Antônia corre para atender a porta e depara-se, para seu espanto e infelicidade, com dona Julieta, a mais fuxiquenta vizinha das redondezas. A vizinha faladeira resolve contar um “causo” que parece não querer acabar. E ela ainda enfeita o pavão dos acontecimentos, escolhe palavras pomposas e coloca um certo suspense, um ar de mistério, no tal “causo”. A todo instante, dona Antônia consulta o relógio e a outra nem se toca de que está sendo inconveniente.

— Ah, sei... sei... Acabou? Tem mais? Sei... hum... sei... hum...

Dona Julieta não dá trégua. Com certeza engoliu um papagaio, aquela manhã.

— Então, dona Antônia, não pense que o “causo” acabou por aí porque patati-patatá... patatá-patati... Pena que hoje estou com uma certa pressa porque marquei acupuntura com o meu médico chinês, senão eu entrava e contava todo o resto. Mas eu prometo para a senhora que amanhã venho tomar café da manhã com vocês e só vou embora lá pelas três da tarde...

— Pelo amor de Deus, dona Julieta!! Não faça isso. Amanhã não vai ter ninguém aqui em casa e nem lá no antiquário. Temos de ir visitar uma tia do Eduardo no interior. Sabe, ela não anda bem de saúde...

4

Cheiro de confusão

Um ano e meio depois, quando o trauma de empregada já tinha passado, dona Antônia coloca uma plaquinha na porta da sua casa. “Precisa-se de empregada que não goste de assistir a novelas”. Quinze minutos depois, uma mulher, segurando duas malas, bate à sua porta, toda simpática e bem disposta.

— A senhora ainda precisa de empregada?

— Continuo precisando.

— Mas aí é uma casa de família, não é?

— É.

— Então, eu fico.

— Você tem boas referências?

— Tenho. E, antes que a senhora pergunte, não gosto de ver novelas.

— UUUUFFA... Qual o seu nome?

— Maria Andorinha.

O colete de lã Laerte Oirã também não deixa por menos:

— Andorinha, você promete que quando cair o meu primeiro botão, vai costurá-lo de volta? Sou tão vaidoso, Andorinha. Sei que não deveria me preocupar tanto assim com a aparência, mas não gostaria de perder a elegância na minha velhice, acabar os meus dias pendurado numa arara do brechó da dona Clementina.

— Pode deixar, senhor Colete de Lã, reforço todos os seus botões agora.

E muitos outros pedidos e caprichos ela atende naquele final de tarde.

Ela está começando a entender o mundo das roupas e dos calçados daquela casa. Algo lhe diz que tudo aquilo não vai acabar só em uma boa amizade. Há um cheiro no ar de confusão, de complicação. Talvez seja melhor não dar muita trela para os moradores do guarda-roupa, ou talvez seja justamente o contrário. Andorinha, meio encafifada, encerra o serviço e retira-se para o seu canto a fim de ouvir música e mandar aqueles estranhos pensamentos embora da sua cabeça.

— Vermelho, vermelho mesmo, não vai ficar, porque aplicar vermelho em roupa amarela sempre acaba dando um tom alaranjado. Serve um laranja meio acastanhado? Os costureiros famosos estão dizendo na televisão que essa cor é a última moda em Paris.

— E é justamente essa cor que eu quero: laranja. Ah, o Pierre la Fonfon vai adorar saber.

— Quem?

— O dono da Sétimo Céu.

— Aquela loja de roupas finas?

— Exatamente. Foi lá que comprei esta blusa amarela. Pode ser, então, esse laranja puxando para o castanho. Muito obrigada, Min Mang Mung. Mande um abraço para o seu pai, o Chin Chan Chun.

— Obrigado, dona Antônia, mandarei sim. Só que, desta vez, vou demorar um pouquinho mais para trazer porque estamos cuidando de todos os uniformes daquele campeonato de futebol entre bairros.

— Tudo bem.

Passa uma semana e nem sinal do Min Mang Mung. As roupas femininas estranham a demora da Brunela em voltar para a gaveta e ficam intrigadas, alvoroçadas. Algumas chegam a ir para o cesto de roupas sujas, para as máquinas de lavar e de secar, para a tábua de passar, mas nada descobrem. Até as toalhas que atravessam a noite secando no varal Percival não notam nenhum movimento estranho na área de serviço, e nem mesmo o xereta do Percival viu da janela a Brunela rondando pelas bandas do quintal.



do salto passa, a coragem do tigre também passa e ele fica fraquinho, todo encolhido, esperando outra oportunidade para saltar.

— Espere um pouco. Se nós não somos tigres, como vamos saber quando vale a pena saltar?

— Quando uma decisão a deixa mais feliz consigo mesma, significa que você está diante de um salto que trará coisas boas para a sua vida. Agora, quando uma decisão a deixa na dúvida, triste e distante das coisas que você quer, significa que não deve saltar, mas esperar o verdadeiro salto. Uma sutil diferença entre a dúvida e a certeza, entre o medo e a coragem de conhecer e amar a si própria. Entende?

— Interessante... Mas não vim aqui só para fazer esta pergunta. O que quero é meio complicado de explicar. Acredito que o senhor entenderá.

Toda esbaforida com o calor, dona Julieta sai lá dos fundos da tinturaria.

— Chin, não está na hora da minha acupuntura?

— Suba para o consultório que já estou indo. Só vou acabar de atender a Andorinha.

— Está bem. O quê?! Você, Andorinha?!? Eta mundo pequeno!! Bem, vou subir. Viu, Andorinha, fale para dona Antônia que depois eu ligo para ela porque fiquei sabendo de um “causo” de arrepiar.

— Falo sim.

Dona Julieta sobe a escada e desaparece na curva do corredor.

7

Por um triz

MARIA ANDORINHA, VENHA CÁ!!!! Dona Julieta acabou de ligar e disse que você estava na tinturaria. Fazendo o quê? Por acaso você não falou que ia visitar a sua irmã que chegou do Norte?

— Veja a senhora que coincidência, dona Tonica, minha irmã trabalhando para o senhor Chin. Esse mundo é tão pequeno que...

— ... a gente não pode aprontar, né, Andorinha? Porque mentira vem sempre à tona, não adianta esconder, que um dia a corda arrebenta.

— E sempre do lado dos mais fracos.

— Do lado dos mentirosos, isso sim. As famosas pernas curtas da mentira.

— Viu, dona Antônia, mudando nossa conversa de pato para ganso, minha irmã foi assaltada na rodoviária por um assaltante mascarado e hoje vou dar uma passadinha lá para levar umas roupas e um dinheirinho para ela. Aí que está o